

### Introdução

A língua natural dos surdos é a língua de sinais; no caso dos surdos brasileiros, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Em uma perspectiva de inclusão social e educacional, essa língua deve ser ofertada como principal meio de acessibilidade, seja no âmbito educacional, no da saúde, segurança e/ou lazer. Considerando que a visão é o canal perceptual mais importante para a pessoa surda, a língua de sinais, por se apresentar na modalidade viso-espacial (QUADROS, 2004), atende a essa especificidade, satisfazendo a sua condição linguística. Por isso, o seu uso nos veículos de comunicação se constitui em um meio eficaz de promoção da inclusão social.

No Brasil, em 2002, a Libras foi oficializada como língua das comunidades surdas brasileiras através da lei nº. 0.436 (BRASIL, 2002) e foi regulamentada pelo Decreto nº. 5.626/05 (BRASIL, 2005). Esse dispõe sobre seu uso e difusão nas instituições públicas e privadas, na formação de professores e intérpretes de Libras. Mas não faz menção ao lazer, cultura e informação, sendo esses aspectos contemplados na lei nº. 10.098 de 2000. Apesar disso, informações, eventos culturais e entretenimentos veiculados nos meios de comunicação audiovisual, em sua totalidade, não alcançam os surdos. Asseveram os artigos 17 e 19 do capítulo VII, da lei nº. 10.098, que deve ser ofertada, nos programas de imagens e outros, a “língua de sinais” e/ou legenda (BRASIL, 2002).

No decreto nº. 5.296/04, em seu capítulo VI, há determinações quanto à acessibilidade para surdos nas emissoras

de TV, incluindo prazos para que possam se adequar a essa legislação. Isso representou um avanço significativo para a comunidade surda no que se refere ao direito à informação, cultura e entretenimento. Contudo, há ainda algumas considerações a serem feitas.

A legendagem atualmente é a forma de acessibilidade para surdos mais usada pelas emissoras de TV e produtoras de filmes para o cinema. Porém, empiricamente, podemos afirmar que está limitada a uns poucos programas de canais abertos. A maioria parece ainda não ter incorporado a cultura de acessibilidade, pois não legenda nem insere a janela de Libras em suas produções. Assim, a comunidade surda brasileira continua excluída de algumas atividades de entretenimento e informações que, para nós ouvintes, são corriqueiras. Outro ponto a ser considerado é a língua em que o acesso é ofertado. Os surdos, como mencionado há pouco, são falantes da Libras, uma língua viso-espacial, que difere da língua portuguesa em modalidade e gramática (QUADROS, 2004). Segundo Harrison e Nakasato (apud LODI; LACERDA, 2009), quando as particularidades linguísticas dos surdos são desconsideradas, não há o compartilhamento de um mesmo horizonte sociológico, por surdos e ouvintes, no que se refere à realidade vivenciada por ambos, mesmo nas situações cotidianas.

Vivendo em uma sociedade constituída por maioria ouvinte, os surdos precisam aprender o Português para estabelecer relações com quem convivem em ambientes familiares, no trabalho, dentre outros. Esse fato leva os surdos a viverem em uma situação bilíngue e de interculturalismo, como afirma Strobel (2008), isto é, são participantes da cultura surda e da ouvinte e, por isso, utilizam a Libras e o Português (em sua modalidade escrita e/ou oral). É importante explicitar que a apropriação da Língua Portuguesa na modalidade escri-

ta, pelo surdo, não é uma tarefa fácil, visto que esses não são usuários dessa língua (LODI; LACERDA, 2009). A realidade educacional da maioria e a própria modalidade Língua Portuguesa, que se fundamenta em unidades sonoras, não contribui para essa aquisição.

São poucos os surdos de nascença que receberam uma educação que lhes proporcionou a aquisição da leitura e escrita em Português. Mas mesmo esses, que adquiriram a leitura em Português, não são proficientes nessa língua. Geralmente, têm dificuldades com a sua semântica, pragmática e com a identificação de gêneros, como metáforas, ironias, humor e outros, como afirma Sousa (2008). Assim, pelo fato de ser intérprete de Libras/Português há pouco mais de 20 anos e ter realizado trabalhos de interpretação e tradução de programas ao vivo na TV e em filmes nacionais gravados, essas experiências profissionais me fizeram perceber que os surdos dão especial atenção a essas produções quando o acesso lhes é ofertado em sua própria língua por meio da janela de Libras.

### **Tradutor/Intérprete da Libras. Qual a Parte Que Lhe Cabe?**

Na obra intitulada *O Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa*, para familiarizar o leitor com os termos pertencentes à temática abordada, Quadros (2004) decide iniciá-la com um pequeno dicionário, apresentando as terminologias e suas respectivas significações, usadas por profissionais que atuam na área da tradução/interpretação e outros que, de alguma forma, têm envolvimento com as línguas de sinais.

Segundo definição da referida autora, o intérprete de língua de sinais é aquele que interpreta de uma língua de sinais (língua de partida) para outra língua (língua de chegada),

sejam essas orais ou sinalizadas. Para aclarar e delimitar os campos de atuação, Quadros (2004) diferencia o tradutor do intérprete, afirmando que o tradutor é a pessoa que traduz de uma língua para outra, assim como faz o intérprete, porém, o processo de tradução implica, pelo menos, que uma das línguas esteja na modalidade escrita. A mesma autora faz a integração dos dois termos (intérprete e tradutor), afirmando que o tradutor-intérprete de língua de sinais é aquele que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua oral nas modalidades escrita e/ou oral/sinalizada.

Para Lacerda (2009), traduzir está relacionado à atividade de versar de uma língua para outra, trabalhando com textos escritos, e o interpretar se relaciona ao trabalho de versar de uma língua para outra nas relações interpessoais, simultaneamente. Diferencia ainda uma atividade da outra, ressaltando que, para se efetuar uma tradução, o tradutor pode ler a obra, refletir sobre as escolhas lexicais, semânticas e consultar outras fontes para alcançar os sentidos mais adequados ao seu trabalho. Diferentemente, o intérprete atua com a simultaneidade, sem tempo para reflexões, tomando decisões rápidas sobre como versar de um sentido para o outro e sem poder consultar outras fontes. Por questões relacionadas ao tempo, enquanto o tradutor pode revisar o seu texto de chegada com tranquilidade, pois tem, à sua disposição, o texto de partida, o intérprete não tem como rever sua produção.

Sobre o tempo de trabalho do tradutor e do intérprete, Pagura (2003, p. 227) afirma:

Enquanto nas organizações internacionais, espera-se que os tradutores de tempo integral traduzam cerca de 50 linhas a cada duas horas, um discurso cujo texto transcrito tenha as mesmas 50 linhas será interpretado em oito minutos.

A referida autora esclarece que o termo “tradutor/intérprete” é encontrado em documentos da década de 1970 no Brasil e que, por isso, ainda é utilizado por muitos, mas que é importante diferenciar um do outro.

Como mencionado anteriormente, Santos (2006) afirma que as traduções e interpretações em língua de sinais, no Brasil, surgiram na década de 1980. Eram feitas por familiares de surdos e/ou religiosos, que não tinham formação profissional para o exercício dessa função. A maioria desses intérpretes tinha apenas conhecimento empírico da tradução/interpretação, mas não tinha nenhuma formação ou embasamento teórico para o exercício dessa função. Esse aspecto tem refletido em seu *status* profissional. A falta de profissionalização, por meio de cursos de nível superior, tem colocado os tradutores/intérpretes de Libras em situação de inferioridade em relação aos tradutores/intérpretes de línguas orais. Esse fato é percebido pela falta de compreensão da sociedade do seu trabalho e pela diferença nos valores estabelecidos para remuneração de serviços de um e de outro.

Durante muito tempo, a ação do tradutor/intérprete de Libras foi vista pela sociedade sob um aspecto assistencialista, já que era realizada por pessoas que geralmente tinham vínculo de parentesco com as pessoas surdas e faziam traduções/interpretações sem remuneração. Ainda segundo Santos (2006), as primeiras traduções/interpretações foram realizadas nos ambientes empíricos desses atores, ou seja, no âmbito religioso e familiar.

Voltando um pouco mais no tempo, encontraremos os intérpretes de línguas orais desempenhando a função de apaziguadores culturais. Seus serviços eram requisitados geralmente para estabelecimento de negociação de paz entre países que estavam em guerra, como afirma Pagura (2003). Seu

trabalho não era focado somente nas questões linguísticas, mas também na cultura dos países que estavam envolvidos no processo de apaziguamento. Assim, podemos inferir que o ato tradutório e/ou interpretativo não é apenas linguístico, mas também cultural.

Sobre isso, Segala (2010, p. 30), em um contexto em que as línguas de contato dizem respeito às comunidades surdas e ouvintes, afirma:

Ser tradutor não é ser aquele que sabe duas línguas e que simplesmente transpõe uma língua para outra. Não é só estrutura linguística, precisa conhecer e saber a cultura, a linguística e outras sutilezas das línguas fonte e alvo, além de ter experiência na vida social [...].

No Brasil, a língua de sinais foi reconhecida como a língua natural das comunidades surdas em 2002, quando o então presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a Lei nº. 10.436 (BRASIL, 2002), que oficializou a Libras como língua das comunidades surdas do Brasil; já em 2005, o presidente Luís Inácio Lula da Silva sancionou o decreto nº. 5.626 (BRASIL, 2005), que a regulamentou.

O reconhecimento tardio da língua de sinais afeta o reconhecimento do ato tradutório/interpretativo que envolve essa língua. Empiricamente, é possível afirmar que o processo de tradução/interpretação não tem o reconhecimento da sociedade ouvinte, nem a compreensão dos surdos no Brasil. No caso dos surdos, é possível que isso aconteça pelo fato de que esses ainda não tenham informações suficientes para levá-los a compreender a complexidade desse ato.

Segundo Gesser (2011), a tradução compreende as seguintes modalidades: a consecutiva, a simultânea – mais usada pelos intérpretes de línguas de sinais – e a sussurrada. A autora esclarece que esta se trata da mesma modalidade da

tradução/interpretação simultânea, mas é realizada em situação, geralmente, de reuniões em pequenos grupos, em que o intérprete se senta próximo de alguns ouvintes e traduz o texto de partida cochichando.

De acordo com Lacerda (2009, p. 15), tradução/interpretação simultânea é a mais usada atualmente em grandes eventos e “[...] a tradução simultânea não ocorre ao mesmo tempo da fala original”. Isso porque o intérprete leva um tempo para processar a informação recebida e organizá-la na língua alvo. Por sua vez, Pagura (2003) explicita que a tradução consecutiva é aquela em que o intérprete ouve um trecho significativo, ou todo o discurso, toma nota e, em seguida, assume a palavra e passa a informação na língua alvo.

Ainda, segundo Pagura (*apud* LACERDA, 2009), a tradução consecutiva auxilia o intérprete a desenvolver a capacidade de analisar e compreender o discurso de partida, permitindo o surgimento de técnicas que o preparam para a tradução simultânea. A tradução simultânea, como foi dito há pouco, parece ser a modalidade eleita pela maioria dos intérpretes de Libras e preferida pelos surdos. Segundo o professor Marcos Vaining, durante a videoconferência de 10 de abril de 2011, na disciplina de Aquisição da Linguagem, do curso de Bacharelado em Letras-Libras<sup>1</sup>, a escolha por essa modalidade se dá pela falta de conhecimento, tanto por parte de intérpretes quanto pelos surdos, sobre o processo tradutório. Segundo ele, essa modalidade é a que mais oferece possibilidade de cometer erros. Isso por causa do pouco tempo existente para análise, compreensão, processamento e remarcação de parâmetro na

---

<sup>1</sup> O curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras foi desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e oferecido, em 2006, em conjunto a oito instituições federais de nível superior, por meio da Secretaria de Educação a Distância e da Secretaria de Educação Especial (QUADROS, 2008).

língua alvo. Vainng acrescenta, ainda, que todo esse processo demanda grande esforço por parte do intérprete.

Ainda sobre o ato tradutório/interpretativo, Jakobson (1995) o classifica em três tipos: intralingual, interlingual e semiótica. A tradução intralingual ou reformulação, segundo o autor, é a tradução de um signo<sup>2</sup> por outro da mesma língua. Isso pode ser feito por meio da sinonímia ou paráfrase. Quanto à interpretação interlingual, refere-se à interpretação de um dado signo por outro equivalente em uma outra língua. Já a tradução “[...] intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação de signos verbais por meio de um sistema de signos não verbais” (JAKOBSON, 1995, p. 64).

O intérprete de língua de sinais recorre a essas categorias com certa frequência. Não é raro nos depararmos com situações de tradução em que uma das pessoas envolvidas no processo não compreende conceitos em sua própria língua. Isso nos impele a reorganizar a tradução, tendo que explicar de forma diferente o mesmo assunto, parafraseando ou utilizando o recurso da expansão (uma combinação equivalente de unidades de códigos). Podemos categorizar esse tipo de tradução/interpretação como intralingual (JAKOBSON, 1995).

A modalidade em que a língua de sinais se apresenta – espaço visual – exige leitura e tradução/interpretação das expressões não manuais e a compreensão de imagens construídas com as mãos pelo sinalizante (classificadores), como explica Segala (2010). A essa leitura, efetuada durante a tradução/interpretação, chamamos de semiótica. Embora, nos utilizemos de todas as modalidades aqui apresentadas, a mais recorrente,

---

<sup>2</sup> Os signos são entidades em que sons ou sequências de sons – ou as suas correspondências gráficas – estão relacionados com significados ou conteúdos. Os signos são, portanto, instrumentos de comunicação e representação, à medida que configuram linguisticamente a realidade e distinguem os objetos entre si (VYGOTSKY, 2000).

em nosso trabalho, é a tradução interlingual, pois geralmente nossas traduções envolvem a Língua Portuguesa e a Libras.

O ato de traduzir/interpretar não é fácil, especialmente para o intérprete de língua de sinais, que estabelece transição com línguas muito distantes, no que diz respeito à forma e ao modo. Sobre isso, Segala (2010) afirma que o intérprete não apenas versa de uma língua para outra, mas também considera, ao executar uma interpretação e/ou tradução, a cultura dos povos imbricados nesse processo.

Mesmo que, muitas vezes, esse trabalho seja exaustivo para o intérprete, ele é extremamente necessário à comunidade surda, pois quebra as barreiras comunicativas e retira o surdo do isolamento linguístico, como afirmam Massutti e Silva (2011). Isso torna a interpretação da Libras para a Língua Portuguesa e vice-versa, além de necessária, compensadora para quem a faz e a recebe.

O tradutor/intérprete vem atuando em áreas antes não alcançadas. Certamente, por causa de políticas afirmativas e de acessibilidade específicas para pessoas surdas. No Ceará, além da área da Educação, o intérprete de Libras tem desempenhado a função em palestras que abrangem os mais variados temas. Atuando, igualmente, em janelas de Libras de programas políticos televisionados (LEMOS, 2012).

### **UFCTV: Implicações Trazidas pela Inserção da Janela de Libras**

Assim, preocupados com a expansão da acessibilidade de pessoas surdas, na área acadêmica, foi que se pensou em tornar o programa jornalístico televisionado da Universidade Federal do Ceará (UFCTV), acessível para surdos, segundo informou a coordenadora da Secretaria de Acessibilidade, professora doutora Vanda Magalhães, que propôs a inserção da

janela de Libras no referido programa. Para tanto, foi necessário contatar a equipe de comunicação responsável pela execução do mesmo.

Essa concordou em implementar um projeto-piloto para analisar a viabilidade desse instrumento no programa. Nesse período, por me encontrar na condição de prestadora de serviço na função de intérprete pela UFC e estar lotada na Secretaria de Acessibilidade UFC Incluir, aceitei participar do projeto, fazendo as traduções/interpretações do referido programa. Os profissionais que trabalharam diretamente nessa empreitada foram, além da interprete de Libras, uma produtora, um cinegrafista e um editor de imagens. O projeto teve duração de seis meses.

O UFCTV é um programa que vai ao ar semanalmente, aos domingos, sendo reprisado às terças-feiras, pela TV Cultura, no canal 5, com alcance em todo o estado do Ceará<sup>3</sup>.

Segundo informa o site, o programa:

Mostra a produção da Universidade, informando onde e como ela está presente no cotidiano das pessoas, contribuindo para melhorar as condições de vida da população cearense. UFCTV também traz um resumo dos principais acontecimentos na Universidade e uma agenda cultural voltada para atividades gratuitas ou a preços populares (UFC, 2012).

O referido programa é elaborado e gravado em estúdio, situado no Bloco de Comunicação da UFC, no *campus* do Benfica. As atividades da equipe que trabalha no desenvolvimento do programa ocupam o estúdio durante o expediente de trabalho normal da UFC, de 8h às 12h e de 14h às

---

<sup>3</sup> O programa também é veiculado na *internet*. Encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.ufc.br/comunicacao-e-marketing/956-conheca-o-programa-ufctv>>.

17h. Por essa razão, a gravação da sua tradução em Libras era realizada no intervalo do almoço, entre 12h e 14h, sempre às segundas-feiras. A duração do programa é de 30 minutos, enquanto a gravação de sua tradução tinha duração de duas horas. O profissional encarregado de editar a janela de Libras não conhecia a língua, por isso, minha presença como intérprete, durante a edição, fazia-se necessária. Ao lado do editor, ajudava a sincronizar o texto produzido em Libras ao texto correspondente na Língua Portuguesa. Assim, suas horas de trabalho se prolongavam até às 18h.

Conforme mencionado anteriormente, o programa traz informações sobre as várias atividades da universidade, abrangendo assim assuntos das mais diversas áreas do conhecimento. Segundo Aubert (apud VASCONCELOS; BARTHO-LAMEI JUNIOR, p. 15), a competência referencial, ou seja, a “[...] capacidade de buscar conhecer e se familiarizar com os referentes dos diversos universos em que uma atividade de tradução/interpretação pode ocorrer [...]”, é muito importante para que a tradução se dê a contento. Podemos então concluir que conhecer o assunto de que se trata a tradução/interpretação colabora para a otimização do resultado do trabalho tradutório.

Nessa perspectiva, buscava essa competência por meio da leitura dos espelhos, que é o cronograma de como o telejornal irá se desenrolar. Nele, é previsto a entrada de matérias, notas, blocos, chamadas e encerramento do telejornal. Os espelhos eram enviados para mim, por e-mail, com antecedência, mas não traziam detalhes das matérias abordadas no programa. Por exemplo, o conteúdo das *sonoras*, que é o segmento do programa em que o repórter aparece junto ao entrevistado, não era explicitado. Isso me impelia a fazer uma pesquisa prévia na *internet* sobre o tema que seria aborda-

do. Havia também um espaço de tempo antes de iniciar as gravações em que podia assistir ao programa completo. É importante salientar que a competência referencial tem relação direta com a qualidade da tradução e que alguns dos temas abordados eram de completo desconhecimento da intérprete.

Por isso, o fato de assistir ao programa antes de iniciar sua tradução poderia colaborar para que, por meio da visualização de imagens, mesmo não dominando o assunto, pudesse descrever os elementos a ele pertencentes. Segundo Pizzo *et al.* (2010, p. 15) a língua de sinais traz recursos que permitem transmitir informações de forma clara, “[...] descrevendo a forma e tamanho, ou descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal”. Esse recurso é chamado de Classificador (CL). Por isso, a visualização das imagens contidas no programa, por mim, na condição de tradutora/intérprete, era de fundamental importância para a construção desses referentes no texto em Libras. Os classificadores, além de descrever o objeto, permitem que o texto se torne sucinto, sem que haja perdas de informação.

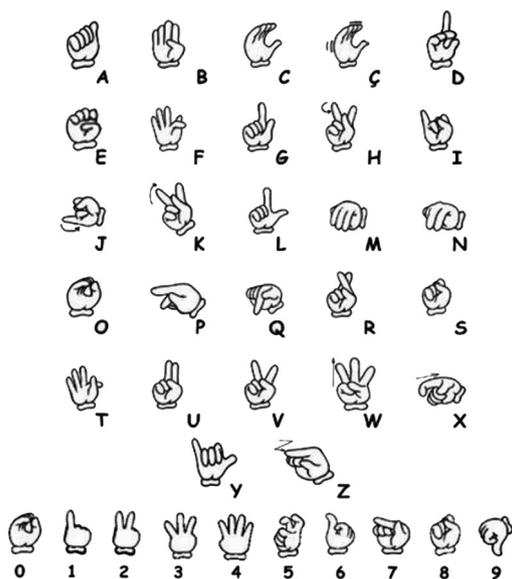
Como afirma Lacerda (2009), o intérprete trabalha na urgência e não tem tempo para refazer sua interpretação. Na tradução, há tempo para analisar, pesquisar e refazer, se necessário. Como foi dito anteriormente, eu recebia, da produção do programa, instrumentos para pesquisa e, durante as gravações de sua interpretação, havia tempo para refazê-la, caso achasse necessário. Por essa razão, podemos concluir que esse trabalho se caracterizou como sendo uma tradução.

Outro ponto importante a salientar é o tempo televisivo. O programa produzido pela equipe da UFCTV, como dito anteriormente, tem 30 minutos de duração, já com os comerciais adicionados. É dividido em “cabeças”, que é segmento do programa em que a apresentadora aparece sozinha anunciando

do as manchetes do dia; “offs”, segmento do programa em que o repórter relata as notícias sem aparecer na cena e sonoras. As janelas correspondentes a esses segmentos precisavam estar sincronizadas com o tempo de cada um deles.

Segundo Ronai (1987), tudo que é dito em uma determinada língua pode ser dito em outra, mas, para isso, é preciso buscar equivalências e quando, por alguma razão, não é possível encontrá-las, a tradução pode ser feita de forma explicativa. Porém, em se tratando de explicações, de termos usados na língua fonte (língua a ser traduzida) para a alvo (língua traduzida), é possível que o texto traduzido se prolongue mais que o texto original. Isso é bastante comum acontecer em traduções envolvendo a Libras e o Português, dadas as modalidades em que se encontram, espaço-viso-manual e oral auditiva, respectivamente (QUADROS; KARNOPP, 2004). Esse fato ocorria com frequência, desafiando-me a buscar recursos inerentes à atividade tradutória e os que a própria língua de sinais oferece para possibilitar a sincronia entre os textos.

Os recursos linguísticos por mim utilizados durante as atividades tradutórias foram os **empréstimos linguísticos**, que, segundo Barbosa (2004), trata-se de uma escolha pessoal do tradutor, por tomar um empréstimo da língua fonte e usá-lo na língua alvo. No caso da tradução da Língua Portuguesa para a Libras, esse empréstimo é feito por meio da soletração da palavra, utilizando-se do alfabeto manual (SOUZA, 2010). Esse recurso tem sido utilizado quando não há um vocábulo na língua alvo equivalente ao da língua fonte. Assuntos relacionados à Física, Química, Engenharia e especialmente à Medicina foram os que mais exigiram o uso desse recurso. Ex: Palavra em Português: **leishmaniose**. No empréstimo para a Libras, a mesma palavra é feita sem alteração na estrutura fonológica, por meio do alfabeto manual, conforme ilustra a Figura 1.



**Figura 1 – Alfabeto manual**

Fonte: <http://www.libras.org.br>

Assim, o público-alvo recebe a palavra em uma língua que não é a sua, o que pode gerar problemas de compreensão. Para traduzir essa palavra com clareza, seria necessário, então, a utilização de outra estratégia chamada de **explicitação**. Segundo Lemos (2012), o uso dessa estratégia consiste na adição de informações por parte do tradutor/intérprete para aclarar a mensagem na língua alvo. Porém, por haver adição de vocábulo, o tempo empregado nesse tipo de estratégia ultrapassa o tempo do texto fonte, o que pode constituir um problema na sincronia dos textos e interferir no tempo da realização do programa. Por isso, optei por não usá-la.

Outro recurso utilizado na tradução foi o **Role Shift**, que, segundo Pizzo *et al.* (2010), consiste na mudança da posição do corpo ou da direção do olhar para marcar a fala de mais

de um personagem. Esses personagens (referentes) podem também ser marcados por meio de estabelecimento de pontos no espaço. Isso permite economia de tempo, pois, uma vez que os pontos estão estabelecidos e nominados, não há mais necessidade de citá-los por nome: basta apontar, olhar ou direcionar o corpo para a localização em que esses pontos foram estabelecidos. Essa apontação, na língua de sinais, é uma forma pronominal e pode ser usada como referência anafórica<sup>4</sup>.

O uso de classificadores (CL) também foi outro recurso utilizado, como foi dito anteriormente. Esses podem descrever, de forma clara: objetos, pessoas e animais de forma detalhada e rápida. Quando o uso desses recursos não era suficiente para sincronizar os textos fonte e alvo, o editor, no momento da edição e com a minha ajuda, retirava dos sinais movimentos que não integravam a sua formação. Esses eram os movimentos de passagem de um sinal para o outro, como um levantar ou baixar de mãos. Os cortes eram de milésimos de segundos, mas que, somados, apresentavam uma quantidade significativa de tempo para um programa televisivo.

O uso de todas essas estratégias não era de conhecimento da equipe responsável pelo programa da UFCTV, com exceção dos cortes para redução do tempo da tradução na janela de Libras. Assim, o desafio da tradução/interpretação se tornou uma busca individual de minha parte. Segundo Souza (2010), para realizar uma tradução/interpretação envolvendo recursos midiáticos, é necessário uma equipe semelhante à que foi citada anteriormente. Porém, o autor acrescenta que, a essa equipe, devem ser adicionados outros profissionais da tradução, surdos e ouvintes, para dar suporte à intérprete e

---

<sup>4</sup> Anafórico, genericamente, pode ser definido como uma palavra ou expressão que serve para retomar um termo já expresso no texto, ou também para antecipar termos que virão depois.

analisar, juntamente com ela, a qualidade da tradução, objetivando sua otimização.

Todo esse trabalho relacionado à tradução/interpretação requer um relativo empenho da equipe envolvida. Também é necessário, a essa equipe, disponibilidade para alterações físicas na aparência do programa ocasionada pela inserção da janela de Libras.

### **Janela de Libras na Tela da TV**

A janela de Libras é um instrumento de acessibilidade para surdos, descrito na Portaria nº. 310 de 27-06-2006, como sendo “[...] espaço delimitado no vídeo onde as informações são interpretadas na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)” (BRASIL, 2006).

A maioria dos programas de TV que se utiliza da janela de Libras apresenta irregularidades no seu formato, tamanho e contraste. Isto ocorre pela inobservância das normas estabelecidas pela ABNT/NBR15.290 (ABNT, 2005).

A janela de Libras deve conter as seguintes características (BRASIL, 2009):

- A altura da janela deve ser, no mínimo, metade da altura da tela do televisor (NBR 15.290);
- A largura da janela deve ocupar, no mínimo, a quarta parte da largura da tela do televisor (NBR 15.290);
- O recorte deve estar localizado de modo a não ser encoberto pela tarja preta da legenda oculta (NBR 15.290);
- No recorte não devem ser incluídas ou sobrepostas quaisquer outras imagens (NBR 15.290).

Como sugestão, o documento (BRASIL, 2009) acrescenta que a janela de Libras não deve encobrir a marca d’água

da emissora nem a tarja preta da legenda. Assim, a janela deve ser posicionada, na tela da TV, de acordo com a sua localização, podendo ficar à esquerda, à direita ou ao centro da tela. Quanto ao enquadramento do tradutor/intérprete, deve ser feito de maneira que os braços e cotovelos não sejam cortados. O enquadramento deve abarcar toda a sua movimentação e vai do alto da cabeça até a altura da cintura. O referido documento explicita que o plano médio é o ideal para o enquadramento do tradutor/intérprete.

Assim, a UFCTV buscou respeitar as normas estabelecidas pela ABNT, optando por colocar a janela de Libras na parte inferior direita da tela. Para que isso fosse possível, foi necessário o deslocamento da apresentadora um pouco mais para o centro da tela para deixar livre o espaço destinado à janela. De modo semelhante, os repórteres, ao gravarem as sonoras, foram orientados a se posicionar de maneira que, na tela da TV, ficassem à esquerda do vídeo para que, à direita, sobrasse espaço suficiente para posicionar a janela.

Como explicitado há pouco, a Figura 2 mostra uma cabeça em que a apresentadora do Programa da UFCTV se encontra posicionada no centro da tela, deixando um espaço à direita, suficiente para a inserção da janela:

**Figura 2 – Cabeça do Programa UFCTV**

**Fonte:**  
<http://www.ufc.br/portal/index.php>



Em relação ao tradutor/intérprete, a ABNT/NBR 15.290 (ABNT, 2005) determina que, quando na janela de Libras, deve usar blusas de cor distanciada da tonalidade de sua pele. Complementando as determinações citadas, há, ainda, as seguintes sugestões:

- Não usar amarelo, vermelho, laranja e preto (principalmente) no plano de fundo do intérprete;
- A iluminação adequada deve evitar sombras nos olhos e/ou seu ofuscamento; e
- A cor adequada e sugerida por todos os surdos para o cenário foi o azul-claro, sem detalhes (BRASIL, 2009).

Assim, como tradutor/intérprete da janela de Libras da UFCTV, adotei o seguinte padrão estético: cabelos presos; blusa preta de mangas curtas, para contrastar com o fundo azul; ausência de adereços como relógios, colares e outros, conforme ilustra a Figura 3.

**Figura 3 – Padrão estético para intérpretes que atuam em janelas de Libras.**

**Fonte:** [http://www.inclusive.org.br/wp-content/uploads/2010/07/Cartilha\\_libras.pdf](http://www.inclusive.org.br/wp-content/uploads/2010/07/Cartilha_libras.pdf)



## Considerações Finais

Embora tenha havido zelo para com as exigências estabelecidas pela ABNT (2005) por parte da equipe envolvida no projeto de implementação da janela de Libras no programa produzido pela equipe da UFCTV, houve alguns problemas de ordem técnica. O equipamento tecnológico usado nas edições apresentava problemas e, por vezes, parava de funcionar, impedindo a finalização da edição. Foi constatada também a necessidade de acréscimo de pessoal à equipe. Os profissionais envolvidos usavam seu horário de almoço para gravar a tradução da janela de Libras, pois esse era o único horário disponível para uso do estúdio. Assim, podemos concluir que seria necessária uma equipe específica, com horários previamente definidos, para esse fim.

Quanto à tradução/interpretação, a presença de outro intérprete poderia contribuir com a otimização do resultado final da tradução. Seria também uma contribuição para com a intérprete efetiva, no sentido de que, caso houvesse a necessidade de se ausentar nos dias destinados à gravação, haveria outra pessoa que poderia substituí-la. Em decorrência dessas dificuldades, o projeto foi interrompido para análise e busca de soluções junto a outras instâncias da UFC para sua viabilização.

Em conjunto com a Secretaria de Acessibilidade UFC Inlui, a equipe anteriormente mencionada se prepara para viabilizar e retomar o projeto, propiciando a inserção de forma permanente e qualitativa da janela de Libras nos programas produzidos pela equipe da UFCTV e assim contribuir para a acessibilidade à informação das pessoas surdas.

## Referências Bibliográficas

ABNT. Norma Brasileira: ABNT NBR-15290. *Acessibilidade em comunicação na televisão. Accessibility in tv captions*. 31 out. 2005. Válida a partir de 30 nov. 2005. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/corde/arquivos/ABNT/NBR15290.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 2004.

BRASIL. *A classificação indicativa na língua brasileira*. Brasília, DF: 2009. Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Justiça, Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação. Disponível em: <[http://www.inclusive.org.br/wp-content/uploads/2010/07/Cartilha\\_libras.pdf](http://www.inclusive.org.br/wp-content/uploads/2010/07/Cartilha_libras.pdf)>. Acesso em: 13 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Legislação Federal Portaria nº 310 de 27-06-2006. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Ministério das Comunicações. Disponível em: <[http://www.ufc.br/portal/index.php?option=com\\_content&task=view&id=13686&Itemid=86](http://www.ufc.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=13686&Itemid=86)>. Acesso em: 30 set. 2012.

\_\_\_\_\_. Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº. 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Poder Executivo, Ministério da Educação. Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências*. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Poder Executivo, Ministério da Educação, Brasília, DF,

25 abr. 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2011.

GESSER, A. *Tradução e Interpretação da Libras II*. Apostila do Curso de Educação a Distância de Bacharelado em Letras/ Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LACERDA, C. B. F. *Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LEMONS, A. M. As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do Português para a Libras em discursos políticos. Dissertação, (Mestrado em Linguística Aplicada). 150f. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. de (Orgs.). *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MASSUTTI, M. L. e SILVA, S. G. de L. da. *Tradução e interpretação de Libras I*. Apostila do curso de Bacharelado em Letras/ na modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Centro de Educação (CED), 2011.

PAGURA, R. J. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução, escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 19, p. 209-236, 2003.

PIZZO, A. L; CAMPELLO, A. R. e S; REZENDE, P. L. F. QUADROS, R. M. de Q. *Língua Brasileira de Sinais III*. Apostila do curso de Bacharelado em Letras/ Libras na modalidade

a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Centro de Educação (CED), 2010.

QUADROS, R. M. de. (Org.). *Estudos surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

\_\_\_\_\_. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Especial/ Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. MEC/ SEESP, 2004.

QUADROS, R. M. de. KARNOPP, L. B. *Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RONAI, P. *Escolas de tradutores*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1987.

SANTOS, S. A. *Intérpretes de língua de sinais: um estudo sobre as identidades*. Dissertação, (Mestrado em Linguística Aplicada). 198f. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SEGALA, R. R. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação, (Mestrado em Linguística Aplicada). 74f. Universidade Federal de Santa Catarina, Trindade, Florianópolis, 2010.

SOUSA, A. N. de. *A escrita de surdos: uma exploração de textos em português e inglês*. Dissertação, (Mestrado em Linguística Aplicada). 237 f. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

SOUZA, X. de. *Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras*. Dissertação, (Mestrado em Linguística Aplicada). 174f. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

UFC. *Conheça o programa UFCTV*. Disponível em: <<http://www.ufc.br/comunicacao-e-marketing/956-conheca-o-programa-ufctv>>. Acesso em: 6 dez. 2012.

VASCONCELOS, M. L. BARTHOLAMEI JUNIOR, L. A. B. *Estudos da tradução I*. Apostila do curso de Bacharelado em Letras/ Libras na modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Centro de Educação (CED), 2009.

VYGOTSKY, L. S. Internalização das funções psicológicas superiores. In: VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 69-76.